

SUMÁRIO

5 1. Prefácio de Paulo Freire

10 2. Apresentação de Luiza Erundina

I. "O povo resolveu dar um basta"

II. Mulher, nordestina, migrante

III. Socialismo e democracia

43 IV. Rompendo a dominação ideológica e cultural

V. O Partido e a administração

VI. Administrar São Paulo supõe liberdade interior

5 A vida militante de Erundina, por Muna Zeyn

62
+ 10 fotos
72

EXERCÍCIOS DE UMA PAIXÃO

LUIZA ERUNDINA

Prefácio de Paulo Freire

I

"O povo resolveu dar um basta"

discurso de posse na Câ
mara Municipal de São
Paulo
em 01/01/89

Desejo transformar esta solenidade de posse como prefeita da maior cidade do País, numa homenagem e num ato de reparação pelos hediondos crimes cometidos contra a vida de trabalhadores:

Camponeses da Paraíba;
 garimpeiros de Serra Pelada;
 metalúrgicos de Volta Redonda,
 seringueiros do Acre;
 crianças e adultos levados pelas cheias de São Paulo;
 índios, negros, mulheres desrespeitados em seus direitos fundamentais em todos os recantos deste imenso País.

Vocês, meus irmãos, estão aqui e sempre estarão presentes onde houver um ser humano lutando por justiça e por liberdade.

Ao receber este mandato das mãos soberanas do povo, declaro o meu compromisso incondicional com a luta de todos os trabalhadores brasileiros na defesa do direito inalienável à vida e que só será plenamente assegurado quando todos tiverem terra, trabalho, justiça e liberdade.

Os resultados eleitorais de 15 de novembro têm um significado histórico transcendental. É clara e inequívoca a manifestação de repúdio aos reiterados episódios de barbárie que se registram em nosso País, com a conivência dos governos que, além de permitirem a impunidade de tais crimes, nada fazem para eliminar as causas que os originam.

Nestas eleições, o povo resolveu dar um basta a tudo isso, "ao vale tudo" da política brasileira.

Decidiu romper com valores seculares que deram sustentação ao coronelismo, ao fisiologismo, ao clientelismo e às mais variadas formas de corrupção que caracterizam o comportamento político das elites em nosso País.

De repente, quando tudo parecia perdido, quando o povo estava prestes a não acreditar em mais nada, um raio de esperança surge no meio desse nevoeiro que começa a se dar conta de que o novo é ele que cria, de que o futuro está aberto e que em suas mãos se coloca

3
a possibilidade de se reconstruir o Brasil.

Teve início, portanto, um processo de tomada de consciência coletiva da premente necessidade de mudanças e que se expressou, concretamente, na ruptura de valores tradicionais enraizados na prática política.

A opção por uma mulher, uma nordestina, uma filha de camponeses, marca o começo de um novo tempo gestado pelo próprio povo, e que se desdobrará num processo de amplas e profundas transformações. O povo resgatou a esperança e a fé na sua própria força e tomou nas suas mãos os destinos da coletividade.

Quero salientar, ainda, o significado histórico das forças democráticas e progressistas na coligação Partidos do Povo, que não só contribuiu para a vitória eleitoral de 15 de novembro, mas sobretudo demonstrou a conveniência e a necessidade da articulação dessas forças para a consolidação e ampliação da democracia.

Foi uma rica experiência de convivência democrática para os militantes dos partidos da coligação, além de ter-se constituído um elemento de conscientização política de suas bases.

A campanha da coligação "Partidos do Povo" se deu em torno de uma proposta política e programática caracterizada pela perspectiva de construção de um governo democrático e popular.

O caráter popular desse governo será dado pela inversão de prioridades, no sentido de atender aos direitos sociais da população trabalhadora, historicamente preterida quando da elaboração e implementação das políticas públicas.

Será um governo democrático, enquanto proporcionar a efetiva participação popular nas decisões político-administrativas, além de estimular e respeitar a organização autônoma e independente dos trabalhadores, na perspectiva de construção do autêntico poder popular.

Temos plena consciência da responsabilidade histórica que recai sobre nossos ombros.

Vislumbramos as enormes dificuldades a superar para viabilizar, pela primeira vez na história de São Paulo, um governo democrático e popular, mas estou certa de que não só o PT, mas todos aqueles que participaram da campanha e que compartilharam da busca e da alegria da vitória assumirão conosco a gigantesca tarefa de transformar em realidade o maravilhoso sonho, de há muito alimentado pelo nosso povo, que é o de exercer plenamente a cidadania.

Espero contar também com o apoio imprescindível dos Srs. Vereadores da Câmara Municipal de São Paulo.

Tenho especial apreço por este legislativo municipal, onde comecei, em 1983, minha experiência parlamentar.

Aqui, durante quatro anos, no exercício de um mandato popular, tive oportunidade de ampliar e aprofundar meus conhecimentos sobre São Paulo e, portanto, de me preparar para responder às complexas tarefas e imensas responsabilidades que ora me são confiadas pelos paulistanos.

Sou profundamente grata por tudo isso e, à frente do poder Executivo Municipal, tratarei essa Casa com a máxima deferência, respeitando sua autonomia e independência, sempre no interesse da cidade.

Saúdo a todos os srs. vereadores da legislatura que ora se inicia desejando-lhes um trabalho profícuo, sobretudo como Constituintes Municipais.

Está nas mãos de V.Excias. a edificação das bases institucionais que sustentarão a construção do futuro de São Paulo.

Como Executivo Municipal, coloco-me inteiramente à disposição desta Casa, para que esta histórica tarefa seja realizada com pleno êxito, o que dependerá, sobretudo, da direta e efetiva participação popular.

Executivo e Legislativo temos a responsabilidade histórica de, juntos com o nosso povo, prepararmos São Paulo para responder os extraordinários desafios que lhe são reservados até o fim do século e na difícil travessia para o Terceiro Milênio.

Somam-se a isto, as tarefas e dificuldades do presente, agravadas pela situação de crise aguda vivida pelo país.

Vamos governar num quadro de desagregação profunda da transição conservadora e do Governo Sarney, cuja política econômica, submetida aos ditames do FMI, está voltada para os interesses do grande capital nacional e internacional, penalizando de forma insuportável as classes trabalhadoras.

Com uma inflação de 30% ao mês, os salários são corroídos diariamente e o padrão de vida da população desce a níveis muito baixos.

Aguçam-se os conflitos pela terra e as lutas por habitação, transporte, saúde etc.

A violência se generaliza, atingindo brutalmente a população.

Os "pacotes" se sucedem, caindo de forma imprecisa sobre a cabeça do povo.

Mas de nada adianta. A inflação e a recessão resistem e não poderia ser diferente, já que todas as medidas econômicas se limitam a tratar os sintomas, sem ir às raízes dos problemas.

O resultado de tudo isso é, de um lado, a degradação das já insuportáveis condições de vida dos trabalhadores; de outro lado, o escandaloso enriquecimento daqueles que, em seu benefício, sempre tiveram o controle da economia nacional.

O governo aumenta os impostos e canaliza recursos para alimentar e rolar a dívida pública, o que se transformou em mecanismo de espoliação, através do qual o trabalho de todo um povo é entregue, de mãos beijadas, a credores nacionais e estrangeiros.

Não satisfeito com este verdadeiro saque contra a nação, o grande capital volta suas vistas para as empresas estatais, para as reservas minerais, para serviços públicos e lança a nova palavra de ordem: "privatização".

Não lhes basta o fruto do trabalho, sob a forma de lucros, juros, royalties e pagamento de dívidas mil vezes já pagas; querem se apropriar diretamente do patrimônio nacional.

Com o agravamento da crise econômica e com absoluta falta de legitimidade do governo da Nova República, o País entrou numa crise política de graves consequências.

Tudo isso faz crescer a tensão social e é enorme a insatisfação popular, mas o aparelho repressivo continua intato e atento a qualquer movimentação da massa.

Se o avanço das lutas dos trabalhadores rurais é um sinal positivo não podemos ignorar que nunca se matou tanto liderança camponesa como agora.

Se a organização dos trabalhadores urbanos fortalece na luta contra a especulação imobiliária e pelo direito a moradia, vale lembrar que a repressão policial tem sido extremamente eficaz na defesa da propriedade privada da terra, chegando ao extremo de se tirar preciosas vidas humanas. Como ocorreu no início de 1987.

Se as lutas, manifestações e greves tem se multiplicado, e se tem crescido a força do sindicalismo combativo, não podemos esquecer que até agora não se conseguiu deter o avanço da política do arrocho salarial e recessão imposta pelo governo.

Todo esse quadro se reflete diretamente sobre os municínios onde se situam as demandas coletivas por bens e serviços e cujos recursos, sempre aquém das reais necessidades da população, estão sofrendo cortes por parte do governo federal, o que contribui para agravar ainda mais os problemas locais e regionais.

Enquanto isso, o governo esbanja recursos em obras não prioritárias como a construção da Rodovia Norte-Sul.

Em São Paulo essa situação assume proporções gigantescas, pois, além dos problemas crônicos do município, teremos que enfrentar os que foram deixados pela administração que hoje termina sem mandato, e que se expressa, sobretudo, por uma gigantesca dívida financeira e, o que é pior, por uma extraordinária dívida social.

Tais problemas, que desafiam nossa argússia e vontade férrea de acertar, exigem soluções criativas e corajosas.

Há caminhos não andados que esperam por nós.

Permitam-me concluir pela voz do poeta Guimarães

Rosa que clama:

"Sendo a vez,
Sendo a hora,
Entende, entende,
Toma atento,
Avança, peleja.
E faz."

Discurso de posse em 01/01/89
na Câmara Municipal

II

Mulher, nordestina, migrante

Eu estudei em vários lugares, ou seja, eu migrei várias vezes dentro do próprio estado, no caso a Paraíba, em função das dificuldades que a minha família tinha. No primeiro lugar em que nós morávamos não havia colégio; então, eu dependia dos parentes que moravam em diferentes lugares. Internato era muito caro, não era acessível para a condição da minha família. Depois do curso ginásial, eu tive que trabalhar para ajudar a manter a família que não era pequena. Aí, eu trabalhava durante o dia e estudava à noite. Fiz o colegial numa escola pública. Depois tive que optar: ou continuar trabalhando ou estudando. Eu teria que ir para a capital para poder fazer a faculdade: tinha vontade de fazer medicina. Porém, as minhas irmãs estavam começando a estudar e tive que parar porque meus pais não tinham condições de arcar com o ônus de manter os filhos na escola. Então eu suspendi por nove anos; depois é que eu voltei a estudar.

Entrevista Rádio Eldorado em
21/07/89

Quando eu me decidi pelo Serviço Social eu já tinha outras motivações a nível de uma consciência mais clara das injustiças e tinha um apelo de poder me dedicar a um trabalho de dimensão política.

Entrevista Rádio Eldorado em
21/07/89

NESSA PODE SER A ÚLTIMA COISA QUE EU FAÇO NA VIDA MAS VOU FAZÊ-LA ATÉ O FIM É O MELHOR POSSÍVEL"

Pois é, eu acordo às cinco horas da manhã, vou ao Parque Ibirapuera, fico lá uma hora, ando, corro um pouquinho e depois vou para o trabalho. ^{1 As 7h15 /}, eu já estou na Prefeitura, lendo jornais, despachando expediente. E aí, a partir das 8 h., eu começo a atender a pessoas, grupos da população e, uma ou duas vezes por semana, eu visito as regionais, os órgãos da Prefeitura. Nos fins de semana, ou eu viajo a serviço do Partido ou, então, participo de plenárias populares na periferia da cidade. Portanto, é uma vida bastante intensa. ~~Outra~~ Não desligo um instante. Se eu durmo, eu estou sonhando o tempo inteiro com os problemas do dia anterior, dos problemas que eu vou encontrar no dia seguinte. ~~Apesar~~, ~~Eu~~ sou uma pessoa muito controlada, quer dizer, eu consigo ter um controle das minhas emoções, das minhas tensões. É nessa hora que eu fico no Parque, é o momento em que, de certa forma, eu me permito entrar em mim mesma, refletir, encontrar saídas para os problemas mais complicados, mais complexos. Mas, eu gosto muito do que eu faço. ~~Em~~ Em geral, eu me dedico muito àquilo que estou fazendo e isso ajuda muito, quer dizer, sobretudo, porque eu não estou preocupada com o resultado, estou preocupada em fazer as coisas intensamente, o melhor possível, dando tudo de mim. ~~Então~~ Isso me dá uma certa liberdade, no sentido de que eu não estou presa a resultados, eu não estou preocupada porque eu estou fazendo o melhor. Se eu estou fazendo o melhor, os resultados vão vir como consequência. ~~Outra~~ Até além do que eu esperava. Eu tenho uma tranquilidade e é isso, também, que me dá tranquilidade. ~~Apesar~~ Apesar da tarefa, de fato, nós governamos a cidade num colegiado. Meu secretariado, de fato, decide, tem poder real. Eu divido o poder com eles, com os administradores regionais. E isso facilita muito, as coisas fluem mais agilmente. ~~Porém~~ O único problema é a burocracia, pois o maior inimigo que eu tenho na administração de São Paulo é a burocracia. Ela é feita para não funcionar, ela emperra tudo, ela impede qualquer ação mais ágil, mais pronta na perspectiva de solução dos problemas. ~~Então~~ É uma guerra permanente contra a burocracia. ~~Eu~~ Eu sempre tranquilizo aqueles que tinham a preocupação de que eu viesse a transformar São Paulo numa sociedade socialista, dizendo que isso, na história do mundo, não aconteceu um poder bastante limitado, como é o poder local, o poder municipal, que está dependendo de outras esferas de governo a nível estadual e federal que são oposições a esse governo. Inclusive, com a correlação de forças que está sendo dada à sociedade, não existem condições objetivas para você mudar as raízes da sociedade, ou seja, fazer socialis-

mo é mudar as regras do jogo, naquilo que elas têm de mais essencial, de mais radical na sociedade. Não há condições subjetivas de se fazer isso no âmbito de uma Prefeitura, mesmo do porte, do peso de São Paulo. Portanto, eu quero tranquilizar as pessoas de que eu não vou fazer socialismo aqui. Quem me dera eu poder fazer com que São Paulo pudesse viver os valores e as relações de uma sociedade socialista. Mas a gente está procurando modernizar essa cidade, democratizar as relações, estabelecer uma nova relação povo-governo, quer dizer, exercer a autoridade sem ser autoritário. Criar canais de participação real do povo nas decisões de governo, quer dizer, socializar as decisões e o governo na cidade de São Paulo. E a gente sente que as pessoas estão mais livres nessa cidade, apesar de todas as dificuldades, dos problemas que elas enfrentam. Eu faço questão de não perder o vínculo com aqueles setores que me elegeram e que acreditam em mim, que confiam nessa administração. Por isso eu, permanentemente, estou na periferia, eu recebo frequentemente, grupos de pessoas, de movimentos para dialogar comigo, para reivindicar porque o fato de eu estar na Prefeitura não significa que os movimentos não pressionem, eles devem pressionar, eles devem reivindicar porque eles são independentes da administração embora tenham, à frente dessa administração, uma pessoa que tem compromissos com esses movimentos. Eu nunca tive projeto individual. Eu vim da luta sindical na época em que Lula e os companheiros do ABC estavam reativando essa luta surgiu a idéia, estavam lutando para reativar a luta sindical. Eu estava junto, eu era sindicalista naquela ocasião e veio a idéia da criação de um partido político. Eu estive na origem do PT, por sugestão do partido, eu saí candidata a vereadora em 1982, e a deputada estadual em 86. Por imposição das bases do partido, eu saí candidata a prefeita de São Paulo. Não tenho projeto individual, isso também me dá muita liberdade, eu não estou preocupada com o que vai vir depois, eu quero viver intensamente essa experiência, dar o melhor de mim mesma. Eu sempre digo: essa pode ser a última coisa que eu faço na vida mas eu vou fazê-la até o fim e o melhor possível, dentro das minhas possibilidades, das minhas capacidades.

Entrevista ao Programa TV Mix 4
da TV Gazeta de São Paulo
em 25/07/89

MULHERES: POR IGUALDADE DE OPORTUNIDADES.

Numa sociedade como a brasileira que tem mais de 50% de mulheres, inclusive enquanto força de trabalho, enquanto potencial de luta e de produção, nós ainda temos um papel bastante limitado, secundário. Seja a nível de salário, a mulher ganha menos do que o homem, fazendo as mesmas tarefas, pelas mesmas funções. As oportunidades de emprego são menores para a mulher do que para o homem, pior remunerada ou socialmente menos prestigiada. Existe uma série de situações em que a mulher tem um tratamento desigual. Isso também indica que nós precisamos avançar, crescer a consciência e a luta pelos nossos direitos, na nossa organização, sem que isso represente uma disputa entre homens e mulheres, mas uma luta por igualdade de oportunidades para que homens e mulheres, numa mesma classe, se unam para os interesses dessa classe.

Entrevista ao Programa "Flash"
da TV Bandeirantes
em 19/04/90

PELO FATO DE SER NORDESTINA...

Eu sempre digo que só faltava eu ser negra para completar o quadro de discriminação. Mas eu acho que o preconceito e a discriminação que eu sinto mais forte é menos por eu ser mulher e mais por eu ser nordestina. É mais forte o preconceito. Até hoje há pessoas em São Paulo que admiram a minha vitória como nordestina para prefeita de São Paulo. É uma coisa que violenta muito as pessoas, porque isso mexe com aquilo que é mais essencial dentro de você, porque não tem nada de diferente pelo fato de você ter nascido em uma outra região, aliás, uma outra região.

Quem constrói as grandes obras, como o Metrô, as grandes avenidas, as grandes obras viárias? São nordestinos anônimos que, inclusive, morrem nos inúmeros acidentes de trabalho sem sequer se saber se eles morreram, porque nem sequer é noticiado.

Quando cheguei aqui, eu já era adulta, já tinha curso universitário e era difícil ser absorvida em certos meios. Eu procurava emprego, levava meu curriculum que apresentava boa experiência mas, pelo fato de eu ser nordestina...

Entrevista ao "Jornal da Mulher"
da TV Manchete
em 20/04/90

13
Eu estou aqui, sou a mesma. Eu mudo quando ferem a justiça, quando ferem meus direitos e o direito dos outros. Quando isso acontece na minha frente, eu me transformo.

Entrevista a Alceu Nader e Luiz Maklouf, do JT/SP
em 16/04/90

- Todo nordestino é meio providencialista. O sentido religioso da vida, até pela luta pela sobrevivência naquelas condições, te leva também a acreditar em outras coisas, transcendentais até, de onde vêm força, determinação, esperança, vontade de lutar...

Entrevista ao JT/SP
em 16/04/90

- Eu tive de fazer uma opção em um dado momento da vida. Nasci numa região muito pobre, miserável e com problemas no campo. Desde muito pequena tomei uma consciência muito viva. Eu não me lembro de ter sido criança. Participei e sofri com os grandes problemas dos adultos, e acho que isso influenciou muito na trajetória da minha vida. Nessas condições, meu lado pessoal sempre ficou em segundo plano. Em um dado momento, vi que era incompatível uma vida mais voltada para o coletivo e outra voltada para o lado pessoal - e fiz a opção. Isso não significou um sacrifício ao ponto de eu dizer "não, não estou sentindo um peso". Não.

Entrevista a Alceu Nader e Luiz Maklouf
Carvalho, do JT/SP
em 16/04/90

ERUNDINA: Puxei minha mãe, a valentia da nordestina ficou em mim...

Entrevista ao Jornal "O Estado de São Paulo"
em 17/11/88

ERUNDINA: As próprias mulheres desacreditam delas mesmas, acham que o poder cabe aos homens.

Acredito em Deus, numa concepção mais ampla, transcendental, mais filosófica do que propriamente religiosa.

Entrevista ao Jornal da Tarde
em 18/11/88

ERUNDINA: "O poder dá muitas responsabilidades que não permitem espaço para o fascínio".

Entrevista ao Jornal "Folha da Tarde"
em 19/11/88

"não estou com medo. Na minha vida inteira, quanto maior o desafio, mais vontade e determinação eu tenho."

Entrevista ao Jornal "Folha da Tarde"
em 02/12/88

III

Socialismo e democrazia

"O mundo inteiro está passando por um processo importante de reconceituação dos modelos, das teorias, das ~~concepções~~ concepções, das visões do mundo, da sociedade".

O mundo inteiro está passando por um processo importante de reconceituação dos modelos, das teorias, das concepções, das visões do mundo, da sociedade. Isto, a meu ver, é muito rico, muito salutar, num fim de século de milênio, para poder retomar a evolução e a esfera da humanidade em outro patamar. Isso se reflete, naturalmente, nas concepções, nas idéias, nos modelos e visões que hoje existem e estão em disputa. [Nós nunca imaginamos que a perspectiva de socialismo e de esquerda, de proposta para o País, de enfrentar as contradições da sociedade, pudessem / ser o transplante ou a adoção de qualquer modelo seja de onde for. [Nós entendemos que o socialismo à brasileira tem que ser de acordo com a nossa história, política, cultura, a nossa experiência social, econômica, cultural e a nossa proposta, sobretudo do Partido dos Trabalhadores, vem exatamente buscando este modelo para o País, numa perspectiva em que vamos naturalmente procurar resolver a questão da propriedade privada das terras, reforma agrária, meios de produção. [Mas nós concebemos numa sociedade socialista com pluralismo partidário, com liberdade de organização sindical, com respeito aos direitos individuais, liberdade de imprensa, manifestação. [Um recente seminário do qual participamos em Paris, como participante de um dos painéis tratava, justamente, sobre os novos rumos do socialismo no mundo. Então, a perspectiva da experiência do Brasil, começando por São Paulo e, possivelmente, com uma proposta de esquerda com o candidato Lula, estaria em indicar uma 3ª via, quer dizer, na América Latina, na América do Sul, no 3º Mundo, até para enfrentar a perspectiva de unificação / da Europa, a unificação da Ásia, enfim, ou seja, um novo / modelo de sociedade. [Naturalmente à base dos princípios e dos eixos principais da perspectiva socialista mas com todos estes contornos que correspondem à nossa história, à nossa cultura, geografia e à nossa forma de tratar as relações sociais, institucionais.

Entrevista à Rádio Eldorado AM em 17/11/89

Primeiro em Paris, tivemos a oportunidade de discutir os novos rumos do socialismo no mundo. Pudemos constatar perplexidade em relação ao que está acontecendo no Leste europeu, em relação às experiências socialistas, ao processo de transformação e revisão das experiências lá e pudemos também analisar as perspectivas do 3º mundo, América Latina e dentro disso, o Brasil.

Existe uma curiosidade enorme e uma expectativa muito grande sobre a experiência ^{de São Paulo} e se analisa até a hipótese de que ^{essa} experiência possa estar apontando uma ^{tendência} via que é o socialismo democrático em que os trabalhadores e a população, de modo geral, vão conquistar espaços importantes de poder e, com isso, ^{vão} alterando as relações econômicas, sociais e políticas, sobretudo em sociedades como a nossa.

Entrevista à Rádio Bandeirantes em 23/10/89

?
À medida ^{em} que a sociedade vai criando novos valores, isso vai se encaminhando para a transformação da sociedade. E, num dado momento, se uma dada sociedade entender que, entre outros instrumentos que ela lance mão para fazer as transformações que, no entender dessa sociedade, precisam ser feitas, ela se decidir pela luta armada, ela é legítima, como tem sido em vários países. Não significa necessariamente que a revolução já deva se fazer, a partir de uma ruptura revolucionária com o uso das armas. Eu acho que pode haver. Nós estamos fazendo uma revolução democrática, uma revolução de transformação de valores, de conquista de fatias importantes de governo e de poder, ampliando a participação dos trabalhadores, dos setores populares, na gestão da sociedade.

Entrevista ao Jornal "O Estado de São Paulo" em 26/01/89

Acho que as mudanças que precisam ser feitas na sociedade passam por mudanças de valores, de comportamentos, a luta contra o preconceito, contra a discriminação.

Entrevista à Rádio Bandeirantes
em 10/07/89

A população tem o direito de exercer a democracia diretamente. Eu acho que a democracia se fortalece, exatamente, a partir desses momentos em que a sociedade, os trabalhadores e a população em geral, têm espaços e foruns onde ela possa expressar e possa influir nas decisões políticas importantes, cujos efeitos recaem exatamente sobre a vida dessa população.

Entrevista à Rádio Bandeirantes
em 23/08/89

A Prefeita Luiza Erundina inaugura a praça Salvador Allende, em São Paulo:

Repórter: Prefeita, qual o significado dessa Inauguração ?

Prefeita: Salvador Allende foi um herói da liberdade, da democracia e do socialismo. E são valores, esses, que motivam e nos animam a continuar a luta como prefeita de São Paulo, como cidadão brasileira. Que essa praça que essa placa lembre, a cada cidadão paulista e brasileiro que Salvador Allende está vivo na memória e no compromisso de cada um de nós com os valores pelos quais ele deu a vida.

Entrevista à Rádio Bandeirantes
em 04/09/89

X Nōs temos a certeza de que um dia teremos esta resposta,
Nāo se constrōi uma democracia sobre os cadāveres de companheiros
assassinados. Nāo hā democracia onde hā desaparecidos.

Entrevista ao Sistema Brasileiro
de Televisāo
em 28/08/89

Confio, sobretudo, na uniāo das esquerdas, nas forças
democráticas progressistas, para continuar o avanço da democra
cia no Paĩs.

Entrevista à Rádio Eldorado
em 17/11/89

IV

Romper a dominação ideológica e cultural

- O pragmático, em uma linha de coerência, tem de estar 21 compatível com o que se acredita no ponto de vista ideológico. O ideológico, por sua vez, vai ser expresso pela forma como se exerce o poder e se encaminham as funções. Estã tudo permeado. A ideologia, como disse Gramsci, é o cimento da sociedade. Uma proposta ideológica expressa-se na forma de ser e nas ações concretas de governo. [Eu não acho que ^{haja} incompatibilidade de entre as duas coisas, pois a ideologia também prevê que as concepções estejam de acordo com a conjuntura. ~~Então~~ Se uma dada conjuntura indica que taticamente se deva associar a determinados setores de acordo com um projeto programático, político e ideológico, não há nenhuma incompatibilidade.

Entrevista ao "Jornal da "Tarde"
em 16/04/90

"Queremos fazer além do que qualquer governo honesto e competente faria, mesmo que não tivesse compromisso de classe: queremos dar uma marca a esse governo. E a marca vai passar por uma política de educação e uma política de cultura que vai revolucionar a educação e a cultura em São Paulo."

Entrevista à
em 02/12/88

"Folha da Tarde"

"Antes das bases econômicas materiais e das bases institucionais onde se situa o poder, estão as bases culturais ideológicas. éticas, religiosas, que são parte mais difícil de romper."

Entrevista à
em 21/12/88

"Folha da Tarde"

"A dominação ideológica e cultural é mais séria que a econômica e política, porque é a base de todas as outras. O resgate da consciência feito através da cultura e da educação formal. É péssima a qualidade das escolas públicas, que são procuradas quase que exclusivamente pelo filho do trabalhador. Não dá para pensar uma escola pública com conteúdos, formas de ensino e estrutura de poder a partir de pautas e padrões da classe dominante. [A educação é um dos setores mais atrasados. Da cultura então nem se fala. A luta ideológica e cultural é o principal objetivo da nossa atuação política. Existe uma idéia elitista que diz que o povo não gosta das formas elaboradas de cultura. Ele não tem acesso e informação, mas tem sensibilidade e o negócio é desenvolver esta sensibilidade. Também haverá uma valorização da cultura popular, com estímulos, subsídios e organização."

Entrevista ao Jornal "Folha de São Paulo"
em 03/12/88

Informação: um direito

A informação também é um direito do cidadão ^{para} ele saber o que está sendo feito com os tributos que ele paga. É também uma condição para ele participar. Estamos empenhados em fazer um governo democrático, de controle e fiscalização popular, e isso supõe o conhecimento do que está sendo feito. Nossa intenção é informar; não temos qualquer objetivo de autopromoção. Não tenho qualquer projeto político pessoal e quero, inclusive, que a imprensa nos fiscalize.

Entrevista ao Jornal "Folha da Tarde"

em 18/05/90

Eu não mudei muito o meu comportamento, eu sempre tive um bom relacionamento muito bom com os jornalistas, muito franca, muito leal, muito fácil. O que aconteceu é que a política de comunicação ou a falta de uma política de comunicação fez com que minha agenda ficasse com muito pouco espaço para a Imprensa. [Vou inverter isso: a partir de hoje, a Imprensa, os jornalistas, terão liberdade, acesso a qualquer hora, a qualquer dia em meu gabinete de trabalho, na minha casa, onde eu estiver, para que a gente possa prestar algum serviço à cidade, informando aquilo que está acontecendo até para que a população fiscalize, nos critique e nos ajude a corrigir aquilo que estiver errado.

Entrevista à Rádio "Jovem Pan"

em 02/01/90

V

\0 Partido e a /
_____ Administração

Não é bom nem para o partido e nem para as administrações que se confundam as duas instituições.

Uma coisa é partido com suas estratégias, seus objetivos, sua tática política para a conjuntura. Outra coisa são as administrações que estão submetidas aos limites, às condições objetivas e concretas.

Numa conjuntura de crise aguda como vive o país, não é possível imaginar que as prefeituras possam lidar com muita facilidade com problemas como este do transporte coletivo, por exemplo.

Portanto, o partido tem suas estratégias, seus objetivos, sua presença na luta social e as administrações têm a tarefa, a responsabilidade de governar os serviços públicos do interesse da maioria, no interesse dos trabalhadores com o apoio, certamente, dos segmentos todos da sociedade que precisam ter a sociedade funcionando com normalidade.

Entrevista à TV Record
em 10/08/89

Nosso partido é uma esperança, enquanto instrumento a serviço da democracia.

Entrevista à Rádio Bandeirantes
em 29/08/89

Tanto nós, petistas do governo municipal, quanto os petistas do partido, temos mais clareza do papel de um e de outro, somos instituições diferentes, com objetivos distintos e até contraditórios às vezes. Um partido que quer transformar a sociedade tem que ter a tática da luta, do enfrentamento, da reivindicação, enfim. [Enquanto a administração tem que lutar a sua luta, cumprir as suas funções, mas está limitada constitucionalmente, legalmente, economicamente, politicamente. O eleito não foi eleito para governar apenas pessoas que votaram nele ou no partido. Foi eleito para governar a cidade toda e os eleitores de todos os partidos. Eu sou prefeita da cidade, de todos os seus habitantes.

Entrevista à Folha da Tarde
em 18/05/90

Eu não teria sido eleita se o Partido dos Trabalhadores não tivesse me escolhido e não tivesse trabalhado pela minha candidatura; além do que, um partido tem obrigação de definir as grandes diretrizes políticas para as suas administrações. Isto, não significa, entretanto, que o Partido interfira naquilo que ^{não} é ^{não de sua} competência. [Nesse sentido, eu sou prefeita de São Paulo e o Partido não interfere. Não é correto interferir em decisões que são de absoluta competência da Prefeita. Eu insisto e sempre disse que sou Prefeita de São Paulo e não sou Prefeita do Partido dos Trabalhadores, o que não significa que eu não deva seguir as orientações de política geral do meu Partido.

Entrevista à TV Record
em 03/01/90

Eu comecei a minha militância política no PT, junto com o Lula no PT e não faz sentido nenhum a minha saída do PT, ^{ou qualquer} que seja^m os problemas e dificuldades que vier a enfrentar e estou enfrentando. O partido tem respeitado a autonomia das minhas competências legais, institucionais junto à Prefeitura. [Eu não troco o PT por outro partido; pelo contrário, é um partido que tem uma vitalidade e uma consequência como partido democrático, que explica, inclusive, uma ^{serie} ~~serie~~ de problemas.

Somos de fato um partido democrático, um partido em que as pessoas e os grupos têm liberdade de defender suas posições dentro deles. É natural que o partido tenha um acompanhamento e uma avaliação crítica da administração. Eu quero que o partido tenha uma avaliação e um acompanhamento crítico da minha administração. É dessa forma que a gente avança, que a gente corrige os erros e que a gente conta com o apoio do partido.

Entrevista à Rádio Excelsior
em 05/10/89

VI

"Administrar São Paulo supõe liberdade interior "

Nós conseguimos cumprir grande parte ^{das} ~~dessas~~ metas ^{de governo.}

Melhoramos, por exemplo, o funcionamento dos nossos hospitais e postos de saúde. Repusemos os estoques que estavam vazios; melhoramos também a qualidade de alimentação fornecidas às nossas crianças, seja nas creches, seja nas escolas, recuperamos milhares e milhares de carteiras e salas de aulas que estavam desabando. Conseguimos garantir a matrícula de 800 mil crianças. [Nós conseguimos pôr em circulação 400 ônibus da CMTC que estavam quebrados. Conseguimos recuperar grande parte de equipamentos, caminhões, tratores das nossas regionais que estavam paralisados por falta de reposição de peças e reparos. [Conseguimos recuperar parte dos nossos teatros, das nossas bibliotecas, e equipamentos de cultura, que estavam sem a mínima condição de um funcionamento regular. [Nós conseguimos melhorar em três vezes mais o salário dos trabalhadores da Prefeitura e conseguimos anistiar aqueles que foram demitidos por motivo de greve na administração anterior. Nós conseguimos portanto, evitar o colapso do serviço público. [E a nossa impressão é que a administração anterior teve como objetivo deixar a zero tudo aquilo que estava em funcionamento na Prefeitura, para tentar inviabilizar a nossa administração. Graças à participação popular, plenárias populares, reuniões e assembléias, conseguimos manter os serviços em funcionamento e manter o nível de prestígio popular na nossa administração.

Entrevista ao "Bom Dia São Paulo" -
TV Globo, em 10/04/89, ao avaliar os
primeiros 100 dias de Governo

Tem uma lei que estabelece que, quando termina um mandado e começa outro mandado, o salário do prefeito é 80% do salário dos deputados estaduais. Nós sabemos que, neste mês, os salários dos deputados estaduais aumentaram muito. Eu quero reduzir o meu salário. Vou ganhar tanto quanto ganha qualquer funcionário da prefeitura com a diferença de 1 para 12 vezes o maior e o menor salário. Eu não sei se vocês sabem: o maior salário da Prefeitura é 23 vezes o salário da Prefeitura. Vamos acabar com isso; ninguém pode ganhar mais que 12 vezes o salário daquele que ganha menos e também a prefeita não pode ganhar mais do que isso.

Entrevista à Rádio "Jovem Pan"
em 07/08/89

Administrar São Paulo supõe uma tal liberdade interior que não passa a idéia de medo. Eu não tenho medo.

Entrevista à Rádio "Bandeirantes"
em 28/08/89

Não dá para localizar as ameaças mas, sem dúvida, são aqueles setores que têm saudades da ditadura, do tempo em que os privilégios estavam colocados na ordem do dia. De repente, eles percebem a possibilidade de partidos políticos de esquerda progressista democrática assumirem a direção desse país. E, especialmente, os seus privilégios sejam definitivamente enterrados.

Entrevista à Rádio "Bandeirantes"
sobre ameaças anônimas que lhe foram feitas
em 29/08/89

Nós, hoje, aqui em São Paulo e em outros locais do País, já estamos trabalhando com empresários, com a iniciativa privada, porque há empresários e empresários.

Entrevista à Nova Eldorado AM/São
Paulo
em 17/11/89

Aqui em São Paulo estamos convivendo numa relação bastante útil para a cidade.

Entrevista à Radio Eldorado/AM
em 17/11/89

Ajudada pelos grevistas, a prefeita Luiza Erundina subiu ao palanque para anunciar que vai reduzir o próprio salário:

"Nós vamos reduzir o meu salário que não deve ser superior a 12 vezes o menor salário da Prefeitura."

Entrevista ao Sistema Brasileiro
de Televisão
em 07/08/89

Quais as maiores dificuldades que a Sra. teve para cumprir o seu plano?

33

Erundina: "Primeiro encontramos os estoques a zero; um caixa com uma dívida a curtíssimo prazo de mais de 60 milhões de cruzados novos; um funcionalismo desestimulado, desmotivado, com salários três vezes abaixo da média do mercado. Nós também enfrentamos o problema da perseguição. En tendemos que a imprensa deve fazer críticas sim, mas deve fazer justiça. Parece-nos que o esforço, a dedicação e os resultados obtidos, não têm sido objeto do que se divulga na imprensa.

Entrevista ao "Bom dia São Paulo" -
TV Globo, em 10/04/89, nos primeiros
100 dias de Governo

Eu acho que quem deve julgar a administração é o povo. O povo está julgando aí, dando os seus índices, suas opiniões e existem indicações importantes que marcam, de certa forma, o perfil desta administração: as classes D e E que são exatamente os setores que sempre ficaram discriminados, marginalizados nas outras administrações, estão recebendo uma fatia ainda muito pequena dos investimentos públicos, melhorando muito pouquinho a qualidade de vida deles, na periferia de nossa cidade.

Entrevista à TV Record
em 10/04/89
100 dias de Governo

Repórter:

Qual foi a sua maior vitória e qual foi a sua maior frustração nestes cem primeiros dias?

Luiza Erundina: A minha maior vitória foi devolver ou colocar a alimentação das nossas crianças em condição de qualidade. Isto não tinha há quatro anos. As nossas crianças passaram a tomar leite, a comer o pãozinho da padaria próxima, começaram a ter carne bovina na mesa.

Repórter:

Em 100% das escolas?

Luiza Erundina: Em 100% das creches e isto com um custo 40% a menos do que a Prefeitura pagava por esses bens para manter a merenda nas escolas e a alimentação nas creches.

Repórter:

E a sua maior frustração?

Luiza Erundina: A minha maior frustração foi não conseguir por em pleno funcionamento os equipamentos de saúde, em nossa cidade. Ainda tem leitos desativados, nós encontramos 35% dos leitos hospitalares desativados por falta de medicamentos, material e pessoal. E por não ter conseguido melhorar um pouco mais a qualidade dos transportes coletivos.

Entrevista à TV Record
em 10/04/89
100 dias de Governo

Repórter:

Prefeita Luiza Erundina, gostaria que a Senhora analisasse a informação de que em São Paulo está nascendo uma nova entidade civil - movimento chamado Todos por São Paulo - que defende o bloqueio da entrada de nordestinos na cidade como solução para os problemas de São Paulo. O que a Senhora acha?

Prefeita:

Acho esse movimento de um anacronismo, de um conservadorismo, de um ~~nacionarismo~~ nacionalismo que não corresponde aos tempos modernos. São Paulo é a terceira cidade do mundo. É a maior cidade da América Latina. É inconcebível, com os avanços que se está conseguindo fazer nos vários setores da sociedade, na nossa cidade, que ainda existam pessoas com mentalidade tão estreita, tão atrasada, tão racionária. (Preconceito racista, inclusive contra os nordestinos que são obrigados - e essas pessoas deveriam entender isso - a sair de seu lugar de origem porque não têm condições de permanecer porque não têm terra para trabalhar, não têm outras alternativas de sobrevivência e são forçadas a vir para as grandes cidades. (E não pensem essas pessoas desse movimento que é fácil para o nordestino viver numa cidade como a nossa, migrar da sua cidadezinha para São Paulo. Ele enfrenta muitos problemas, muitas dificuldades. Essas pessoas precisam reconhecer também que a riqueza de São Paulo, a construção de suas grandes obras viárias, como a Bandeirantes, as grandes obras do Metrô, por exemplo, são construídas por nordestinos mal pagos muitas vezes e que estão dando as suas vidas. Os acidentes nas obras atingem sobretudo nordestinos muitas vezes destreinados, sem um treinamento adequado. Preciso dizer a essas pessoas que elas estão cometendo um desrespeito à Constituição do país. A Constituição reconhece o direito de ir e vir em nosso país, sobretudo porque nordestino é brasileiro. E essas pessoas que estão dirigindo e encabeçando esse movimento são pessoas descen

dentes de imigrantes de outros paises. Nos acolhemos em São Paulo e o Brasil acolhe pessoas do mundo inteiro e isso é certo, temos que fazer isso. Não podemos manter limites estreitos das divisões geográficas no mundo, enquanto deveríamos estar abertos ã dimensão cosmica, universal, e acho que esse movimento é pre-conceituoso, sobretudo em relaçoã a nim. Por que esse movimento surgiu exatamente agora? por que tem um nordestino, uma mulher, uma trabalhadora, uma mulher do povo ã frente da Prefeitura de São Paulo? É lamentável que essas pessoas não tenham avançado no tempo que outras pessoas conseguiram avançar em nossa cidade, em nosso país.

Entrevista ã Rádio Eldorado
em 11/04/89

Sonia - Bom dia Prefeita Erundina. Para dizer a verdade eu sou uma dona de casa, não sou filiada ao PT, mas estou seguindo sua gestão para ver o que eu acho. Bom Prefeita ontem assisti o programa da Hebe, porque assim eu tomaria uma noção do seus cem dias de gestão. E ontem foi falado muito sobre o problema de higiene e dos camelôs da Praça da Sé.

Erundina - Olha Sonia eu agradeço o fato de você tomar a iniciativa de pedir esclarecimento para você poder ter o seu próprio julgamento dos fatos. O que acontece com relação aos ambulantes: nós estamos num momento da vida do País, onde há muitas dificuldades econômicas, salários baixos, desempregos, dificuldades de sobrevivência e estas pessoas têm de optar: ou elas trabalham nas ruas como ambulantes ou elas partem para assaltos, para a marginalidade, a delinquência. O que eu estou fazendo é garantindo condições para que estas pessoas trabalhem e tenham garantia de sua sobrevivência. É verdade que há abusos até para prejudicar a minha administração.

Respondendo à ouvinte Sonia ao Programa Paulo Lopes da Rádio Globo
São Paulo
em 12/04/89

Tem muita gente infeliz, descontente, porque o povo de São Paulo elegeu uma mulher, uma mulher do povo, uma nordestina, uma trabalhadora que está acabando com a corrupção na Prefeitura, que está acabando com o clientelismo.

Programa Paulo Lopes da Rádio
Globo São Paulo
em 02/04/89

Eu nunca neguei meus compromissos com o pobre porque esta população também paga imposto, tem que dividir um pouco, não é que eu faça caso com a região nobre, é que estas regiões já têm uma qualidade de vida muito superior; vamos dividir um pouquinho.

Programa Paulo Lopes da Rádio
Globo São Paulo
em 02/04/89

As caixinhas de 15, 20%, isso acabou. Pode ser que ainda tenha, porque a máquina é muito grande, não dá para você contralar até o último limite desta máquina. Eu faço um apelo às pessoas que estão interessadas em moralizar esta Prefeitura e de vê-la voltada para os interesses da maioria que nos ajudem a fiscalizar. Se tiver um funcionário, seja ele quem for, grande ou pequeno, que esteja tentando extorquir alguém, explorar alguém, ligue para o Gabinete da Prefeita, porque esta pessoa será demitida sumariamente, depois ela vai buscar seus direitos com a justiça, mas eu não admitirei um minuto a mais que alguém tente reproduzir as práticas antigas que existiam nesta Prefeitura em desrespeito às pessoas e inclusive ao poder público. O poder público está desgastado, está desrespeitado pela prática dos nossos políticos. Isso vai mudar, está mudando.

Programa Paulo Lopes da Rádio
Globo São Paulo
em 02/04/89

Eu acho que cometemos erros, cometemos sim, mas eu te digo uma coisa, os erros nunca são cometidos por nós intencionalmente. E constatado o erro, eu te digo com toda a honestidade, com toda humildade, nós vamos reparar e corrigir os erros, que certamente estarão sendo cometidos, porque somos inexperientes, estamos começando agora, estamos conhecendo a máquina agora e erramos, mas erramos com muita vontade de acertar, eu te asseguro disso. 39

Programa Paulo Lopes da Rádio
Globo São Paulo
em 02/04/89

Sempre vale a pena quando a gente está a serviço de uma causa pela qual a gente deu a vida, é uma experiência extraordinária administrar esta cidade. Tem muitos problemas, muitas dificuldades, muitas incompreensões, sobretudo porque eu tenho uma equipe de governo extraordinária, e isso me dá condições muito boas para enfrentar essa extraordinária cidade.

Entrevista à Rádio Gazeta
em 12/04/89

40
A greve é um direito constitucional dos trabalhadores. A crise que recai sobre os trabalhadores está se tornando insuportável. E se o trabalhador se decide por qualquer iniciativa no sentido de reivindicar seus direitos e ser garantido os seus interesses, não é qualquer partido que vai interferir nisso. O movimento sindical brasileiro tem nível de consciência, de politização e de independência que não vai se subordinar a qualquer partido.

Entrevista à Rádio Bandeirantes
em 16/10/89

"Entendo que os funcionários devam ganhar de forma justa e melhor possível para que eles possam prestar um bom serviço à nossa população. Eu fiz uma opção: eu quero funcionários trabalhando bem e contentes, nos postos, nas escolas, nos hospitais. Então, foi uma opção que eu fiz."

Entrevista à Rádio Excelsior
em 23/05/89

A Prefeitura não trabalha para candidato. A Prefeitura é da cidade. Sou prefeita de todos os paulistanos e o próprio partido vem dizendo isso e nós não vamos repetir aquilo que nós sempre condenamos que é o uso da máquina, o uso da administração, no interesse de um ou outro candidato, de um outro partido.

Entrevista à Rádio Eldorado
em 10/07/89

Nós, prefeitos do PT, assumimos nossos postos num momento da maior gravidade em nossa história: dívida externa; inflação galopante; arrocho salarial; déficit público; corrupção e incompetência dos governos; descrença e desânimo entre o povo. Nós viemos para mudar esse quadro. E, apesar dos poucos dias de governo, estou convicta de que estamos indo pelo caminho certo.

Entrevista ao Jornal "O Estado de São Paulo"
em 26/01/89

Sempre no par-
lamento, fui minoria. Então era uma sensação de impotência
muito grande porque as iniciativas que a gente tomava nunca
se viabilizavam porque encontramos, em frente, uma oposição
em maioria que impedia a aprovação das iniciativas. O Execu-
tivo tem um pouco mais de poder de decisão mas ainda enfren-
tamos muita pressão, sobretudo numa conjuntura como a nossa
em que as vistas de todos estão voltadas para São Paulo, pa-
ra o bom e para o mal dessa Administração.

Entrevista à Rádio Bandeirantes
em 10/10/89

Reforma administrativa é mais do que mudança de uma
política de cargos e funções, mais do que uma política de de-
senvolvimento de pessoal ou uma reforma da estrutura da má-
quina burocrática. Mas é um processo de mudança estrutural
a nível do Estado. Nós queremos uma reforma do Estado porque
se sabe que esse Estado está organizado, está estruturado pa-
ra cumprir outras tarefas e outros objetivos políticos e ou-
tros modelos e outras propostas de governo. Nós temos uma
proposta de governo que supõe a transparência, a democrati-
zação das decisões, o controle e a fiscalização popular das
decisões do governo e a divisão real do poder da cidade.

Em discurso na PRODAM
em 11/04/90

Eu me lembro que quando eu cheguei aqui em São Paulo em 68, 69, me agredia muito a quantidade de propaganda e luminosos. Eu me sentia um pouco invadida exatamente porque eu vinha de uma outra cultura, com uma outra realidade, uma outra expectativa. [Eu imagino que o conjunto de pessoas das mais variadas origens que vivem nesta cidade devem ter dificuldade de conviver com essa paisagem, a meu ver até caótica, eu acho que um certo ordenamento e uma certa orientação até bairro por bairro, região por região, quem sabe, consiga responder às expectativas dos diferentes grupos que vivem aqui e que, certamente, tem uma origem, tem uma cultura e tem uma referência que deve ser diversa aos diversos grupos que vivem nesta cidade.

Entrevista à Rádio Jovem Pan
em 02/10/89

É possível planejar o cenário da cidade, atentando para os direitos dos cidadãos sem, naturalmente, ferir essa característica, esse traço-que é muito de nossa cidade-que é essa diversidade de cultura.

Entrevista ao SBT
em 02/10/89

A cidade de São Paulo precisa, realmente, ter melhor condição, melhor qualidade de vida para todos porque a gente percebe o seguinte: um setor muito pequeno da sociedade da cidade tem assegurado essa qualidade de vida em termos de meio ambiente, em termos de verde, em termos de preservação de mananciais mas quando se trata da população da periferia, da população mais pobre, essas condições são piores do que em qualquer outra parte da cidade. Além disso nós temos o problema da poluição do ar que é fruto dessa carga imensa de trânsito em nossa cidade. Por exemplo, quatro mil novos veículos entram em circulação todos os dias em nossa cidade. Qual é a administração que consegue responder às conseqüências de um fenômeno dessa extensão, dessa dimensão? Nós estamos procurando aumentar as áreas verdes da cidade aproveitando toda nesga de terra que seja pública, plantando árvores. Estamos realmente fazendo uma operação verde em nossa cidade para ver se consegue dar um pouquinho de ar à nossa população.

Entrevista à Rádio Gazeta
em 12/04/89